

Dublê de etnógrafo I: ou diários do futebol na Alemanha

An ethnographer stuntman I: or a diary on the football in Germany

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O texto segue a forma de um diário futebolístico de viagem, fruto por sua vez de uma missão de pesquisa de duas semanas em diferentes partes da Alemanha, durante o final do ano de 2024. Em primeira pessoa, descrevo personagens, espaços e eventos relacionados à temática do futebol nesse país europeu, com o fito de colher impressões acerca do imaginário esportivo nacional, seja em reuniões formais de pesquisa seja em situações informais de passagem pelo território. Graças à colaboração de um nativo que é também um jovem professor na universidade de Bayreuth, na Bavária, e já um pesquisador de referência na sociologia alemã do esporte, procuro reconstituir sob diferentes ângulos práticas e representações do futebol em cidades como Munique, Nuremberg e Gelsenkirchen, entre outras. Numa espécie de *pot-pourri*, comento a dinâmica das torcidas “ultras” e de seus espaços urbanos de sociabilidade; apresento a atmosfera dentro e fora dos estádios e das arenas, em dias com e sem jogos; relato cenas prosaicas de um domingo de futebol de mulheres num centro de treinamento de um tradicional clube da região industrial do Ruhr; por fim, em destaque, reporto uma visita ao Museu do Futebol, em Dortmund, com uma descrição e uma análise do percurso museal nesse equipamento expositivo, tencionando bosquejos comparativos com seu homônimo em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol na Alemanha; Torcidas ultras alemãs; Museu do Futebol em Dortmund.

ABSTRACT: The manuscript follows the form of a football diary trip, due to a work mission of two weeks in different parts of Germany, during the end of 2024. In first person, I depict actors, spaces and events related to the football subject in this European country, collecting impressions on the national sports imaginary, even at formal academic meetings or at informal situations while crossing the territory. Thanks to the collaboration of a native that is also a young professor from the University of Bayreuth, in Bavaria, as well as a reference researcher in the sports German sociology, I aim to reconstitute, based on different angles, the practices and representations of the football in cities as Munich, Nuremberg and Gelsenkirchen, among others. Like a kind of a mosaic, I comment on the dynamics of the “ultras” supporters and its urban spaces of sociability; I introduce the inside and outside atmosphere of the stadiums and the arenas, during days with and without matches; I narrate prosaic scenes of a Sunday of women’s match in a training centre from a traditional club linked to the industrial region of Ruhr; finally, I stress and report a visiting to the Football Museum in Dortmund, with a description and an analysis of the long and short term exhibitions of this cultural equipment, seeking a brief comparison with its homonym in São Paulo city, Brazil.

KEYWORDS: Football in Germany; German ultra groups; Football Museum in Dortmund.

DIÁRIOS DO FUTEBOL NA ALEMANHA¹

Minha chegada à Alemanha deu-se no dia 20 de setembro de 2024, uma sexta-feira à noite, após uma escala em Lisboa. Cheguei no aeroporto internacional de Munique, terceira cidade mais populosa do país, capital da região da Baviera, ao sul do território. Meu destino ao final era o norte da província bávara, a pequena cidade de Bayreuth. Permaneci ainda no sábado em Munique, a fim de poder conhecer as instalações do Parque Olímpico, situado nas margens do centro urbano. Trata-se de um espaço que permanece como “lugar de memória” desde a realização dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, ou seja, há mais de meio século.

Impressiona como, transcorrido tanto tempo, a grande área verde equipada com inúmeros ginásios e centros de prática desportiva continua a ser um bem público conservado, com instalações de lazer e de atividades físicas para a população bávara. Nos idos de 1970, ainda estávamos longe da exigência contemporânea de um legado urbano para a organização do evento, mas pode-se constatar o quanto, de fato, cinquenta anos depois, as Olimpíadas deixaram essa contribuição à qualidade de vida da cidade-sede.

Tal característica coexiste com o dado de trauma daquela edição olímpica: o atentado de um grupo terrorista (Organização Setembro Negro) contra a delegação de Israel, após invasão da vila olímpica e manutenção de atletas israelenses sob sequestro. Embora não tenha podido percorrer toda a extensão do Parque, não identifiquei na parte percorrida qualquer menção nas dependências ao traumático acontecimento que marcou a organização e as regras de segurança dos eventos organizados pelo COI desde então, na esteira da Guerra Fria e dos litígios tão crônicos quanto assimétricos da guerra Israel-Palestina desde o final dos anos 1960, também a perdurar, resiliente, ainda hoje.

Aproveitei ademais a espera pelo trem para a cidade interiorana de Bayreuth para visitar o Allianz Arena, estádio do poderoso time de futebol do Bayern de Munique, o clube internacionalmente mais importante e célebre do país. O Allianz por sua vez é um equipamento cujo legado remonta à organização da Copa do Mundo

¹ Este texto foi possível graças a uma missão de trabalho de duas semanas no exterior, sob os auspícios do Programa Capes-Print.

FIFA de futebol masculino, realizada na Alemanha em 2006, o segundo Mundial de sua história, depois de 1974. Com hoje cerca de vinte anos de existência, o estádio mantém uma arquitetura, um design e uma iluminação impactantes, capazes de despertar a atenção de todo e qualquer visitante pela sua infraestrutura. O empreendimento foi concebido para promover impacto na economia do futebol e para constituir um ponto de inflexão na indústria do entretenimento como um todo no século XXI. O equipamento esportivo vem servindo, pois, de modelo para arenas em nível global.

Basta lembrar que, no Brasil, com a organização do Mundial Fifa de 2014, o estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras, o Parque Antártica, foi derrubado, para a construção de uma arena quase homônima, de nítida inspiração, que se valeu do mesmo *naming rights* do congênere alemão de Munique. O Allianz Parque foi inaugurado há cerca de dez anos e desde então caracteriza o investimento privado de uma arena multiuso para o calendário cosmopolita de shows e espetáculos conforme o sistema europeu. Com efeito, apesar das críticas dos refratários às mudanças radicais, o novo estádio simboliza uma era de conquistas e de internacionalização do clube paulistano.

No modelo alemão observado, o espraiamento de um conceito consumerista é perceptível no *tour* de visita ao Allianz Arena do Bayern, com o padrão internacional de visita a um estádio-museu futurista, o que traz dimensões analíticas nada desprezíveis de sua integração a uma indústria do turismo, a carrear o esporte entre os seus eixos estratégicos de mobilização e circulação de turistas em uma cidade. Tal configuração remonta à própria conceituação de arena adotada pela Inglaterra na década de 1990, forma encontrada para simbolizar um novo momento da financeirização do futebol, mediante a superação dos conflitos provenientes das rivalidades clubísticas e de um comportamento antissocial protagonizado pelos chamados “hooligans” no interior dos antigos estádios.

Mas, como disse, embora um assunto aprofundável para a análise da estrutura financeira, cultural e icônica da indústria futebolística, esse não era o foco da viagem e apenas aproveitei a passagem pela cidade para essa incursão temática correlata, para não dizer central, a meus interesses de pesquisa também no presente projeto.

No dia seguinte, um domingo, embarquei no transporte ferroviário regional da Bavária para chegar ao norte, com o objetivo de cumprir a primeira semana da missão

de trabalho na *Universität Bayreuth*. Foram no total quatro horas de traslado, com uma parada de meia hora em Nuremberg para baldeação. Já ao final do domingo, 22 de setembro, tive um primeiro encontro com meu supervisor, Christian Brandt, na parte central de Bayreuth, pequena cidade com setenta mil habitantes, conhecida, sob chancela da Unesco, pelo patrimônio arquitetônico de sua casa de ópera, construída em estilo barroco, onde Richard Wagner e Frantz Liszt residiram e atuaram.

Christian é um antropólogo de formação e na atualidade se define profissionalmente como um sociólogo do esporte. Depois de sua graduação, fez uma dissertação de mestrado em Antropologia Social na Universidade de Hamburgo, ao norte do país, com pesquisa dedicada à obra do africanista, etnólogo e folclorista alemão Leo Frobenius (1873-1938). Foi durante o seu doutorado, desenvolvido na Universidade de Bayreuth, no mesmo momento em que assumia a posição de professor da Escola de Educação Física (*Faculty of Humanities and Social Sciences – Sport Science II*), que Brandt voltou-se para a temática do ativismo torcedor, em particular para o que chama de “cooperação antagonística” no âmbito futebolístico.

Trata-se de observar experiências que vão além do senso-comum quando se fala da violência e dos distúrbios entre torcidas de futebol, envidando esforços de levantamento de casos concretos de trabalhos cooperativos intergrupos. Estes casos resultaram em algum tipo de diálogo e de interesse em comum que culminou em relações de solidariedade entre grupos rivais ou até mesmo tidos por “inimigos”, cuja motivação pode ser esportiva ou extradesportiva, política ou social, e se torna inteligível à luz situacional e contextual. Nossa interlocução começou assim em 2016, ainda à distância, quando recebi o convite da parte de Christian e dos organizadores Fabian Hertel e Sean Huddleston para a contribuição com um capítulo no livro *Football fans, rivalry and cooperation*² (London: Routledge, 2017), a fim de apresentar ao público internacional experiências associativas torcedoras relacionadas ao Brasil.

Seu posto universitário no Instituto de Ciências do Esporte lhe vale a cátedra de “Sport Management and Event Management”. Foi nesse prédio que o professor me recebeu ao longo da semana e naquela manhã de segunda-feira (23/09) para uma primeira reunião dedicada a pensar em uma parceria Brasil-Alemanha.

² HERTEL; HUDDLESTON. *Football fans, rivalry and cooperation*.

A discussão girou em torno do *survey* que estamos desenvolvendo nos últimos três meses, cuja continuidade e aprofundamento justificaram minha ida à Alemanha em missão de trabalho. Se nos encontros anteriores, em 2019 e 2023, nossa agenda de pesquisa esteve mais direcionada à análise qualitativa do fenômeno, com casos específicos de países em que algum modo de associativismo foi experienciado, nessa enquete nos propusemos a um levantamento quantitativo em nível global. Almejamos uma mirada mais ampla capaz de abranger países e continentes do globo por meio da aplicação de um questionário composto de doze perguntas, em sua maioria objetivas, a serem respondidas por especialistas reconhecidos em cada uma dessas realidades.

Após o desenho da enquete, a localização do público-alvo e a submissão do *survey*, estamos em fase da reunião e coleta dos dados que, mediante a adoção de métodos quantitativos, nos permitam empreender a análise dos resultados. O teor da quantificação avalia o entendimento de especialistas em torcidas no mundo a respeito do grau de aderência dos torcedores ao clube. Procura perceber também o seu nível de lealdade e de influência junto à associação clubística a que se vincula. A avaliação procura mensurar ainda o acompanhamento da governança da estrutura de poder do futebol, face não só aos dirigentes dos clubes de pertencimento, mas também às federações, confederações e autoridades esportivas em nível nacional e internacional.

O *survey* aprecia, com efeito, a relação dos torcedores organizados com as manifestações tradicionais de apoio em contraposição àquelas dimensões contemporâneas de consumo. A mensuração não deixa de fora tampouco as rivalidades tradicionais entre torcedores de times oponentes, bem como seu avesso, isto é, as formas de cooperação eventualmente estabelecidas entre torcidas antagonistas, aspecto em geral menos percebido e abordado na sociedade. Outro eixo central a nosso interesse de pesquisa é o grau de politização identificado por especialistas nacionais em torcidas. Tencionamos observar seu nível de criticismo em face das transformações econômicas e culturais por que passa o futebol na contemporaneidade.

A incursão no quesito “política” se estende a participações em conjunturas das sociedades em que se inscrevem, com a adesão a certas tendências e ideologias correntes – pró ou antifascistas por exemplo –, assim como a protestos e manifestações reivindicatórias que variam de caso a caso. O ativismo torcedor no século XXI

conduz-nos a apreciar a matéria em termos políticos, sociais, organizacionais, simbólicos, ademais dos tópicos relativos à segurança, à “atmosfera” dos estádios e à performance das torcidas nas arquibancadas, no tensionamento jurídico e administrativo entre o que pode e não pode, conforme entendimento e constante negociação com gestores e autoridades.

O primeiro dia de reunião (23 de setembro) foi, pois, dedicado aos ajustes e alinhamentos do *survey*, com a divisão das tarefas, a organização da estratégia de análise, a geração dos primeiros gráficos na plataforma e o início da redação da primeira versão do *paper*. A descrição acima possibilita uma apreensão da natureza processual deste *work-in-progress* da pesquisa, impulsionada pela missão.

O segundo encontro aconteceu no dia seguinte, 24/09, terça-feira, também nas dependências da universidade, desta feita na Faculdade de Letras (*Faculty of Language and Literatures*). Junto à minha referência acadêmica local Christian Brandt, especialista na temática, somou-se o professor Mirco Schönfeld, que eu ainda não conhecia pessoalmente e cujo contato foi estabelecido na época do delineamento da missão de trabalho no exterior.





Legenda: Imagens do Instituto de Esportes da Universidade de Bayreuth e placa da Faculdade de Letras, onde realizei as reuniões com os professores Christian Brandt e Mirco Schonfeld.

Schönfeld é o principal pesquisador da área de Ciência de Dados da *Universität Bayreuth* e ocupa a posição de *Junior Professorship for Data Modelling & Interdisciplinary Knowledge Generation*, desde 2019. Sua formação foi em Ciências da Computação na Universidade de Munique, com a obtenção do PhD em 2016, com tese intitulada *Contextual reference and authenticity in social networks* seguida de um pós-doutorado no mesmo ambiente acadêmico no Departamento de Ciência Política.

Seu laboratório de computação opera na interface das Humanidades Digitais e das Ciências Sociais, e tem base no programa institucional *Data Literacy*, com uma agenda dedicada a temas como dinâmica e abrangência social; política e economia dos sistemas; modelagem, preparação e eficiência de processamento do algoritmo; análise de redes sociais; aprendizagem de máquinas e mineração de texto.

Isso se concretiza em uma produção intelectual regular, com dois *papers* publicados em 2024, intitulados: “Shortest path-based centrality metrics in attributed graphs with node-individual context constraints”; e “Exploring food poverty experience in the German twitter-sphere”. Dado esse *background*, estabelecemos contato

e realizamos o primeiro encontro na terça-feira, seguido de uma continuação da conversa na quinta-feira.

De início, eu e Christian Brandt apresentamos então as coordenadas de nosso interesse em *text mining* para o acompanhamento de fóruns e de redes sociais de torcedores de futebol, com a mobilização inicial dos casos do Brasil e da Alemanha. Para situá-lo no bojo das pesquisas sobre futebol e *data mining*, apresentei de modo pontual meu trabalho de Treinamento Técnico, também nos quadros do projeto Capes Print, em 2020 na Suíça, junto ao *Football Observatory*, do *International Center for Sports Studies*.

Se na segunda, terça e quinta (26/09) fiquei às voltas com as reuniões de trabalho, na quarta (25 de setembro) tive a oportunidade de fazer uma imersão na cultura torcedora alemã, com a visita a um *Fan Project*. Este é um programa de assistência social para jovens criado pelo governo alemão na década de 1980 e mantido desde então, passadas quatro décadas. Sua criação remonta à preocupação das autoridades com o fenômeno da violência e do comportamento antissocial entre torcedores nos estádios, característica do que se convencionou chamar de “hooliganismo” na Europa, em particular na Grã-Bretanha, mas cuja problemática afetou também o território alemão.



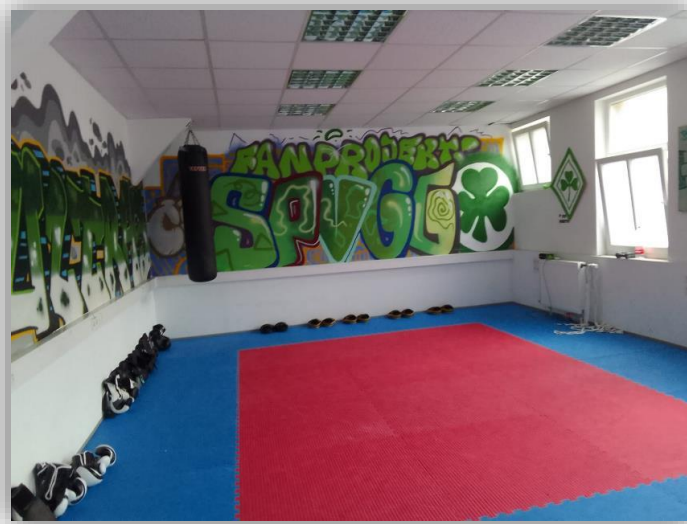


Legenda: Fotos da sede e das dependências do Fan Project localizado na cidade de Fürth, na Franconia, norte da Baviera.

Os *Fanprojekts* têm capilaridade nacional e estão espalhados às dezenas pelas cidades do país, notadamente aquelas em que a cultura futebolística é expressiva. Tais programas são dotados de uma estrutura física de uma sede – tamanho e infraestrutura variam de clube a clube e de região a região – para recebimento de torcedores e seus grupos associativos, na condição de espaço de convivência e lazer durante o dia a dia. Junto à sociabilidade da rotina torcedora, servem também para aconselhamento de indivíduos em fase de passagem da vida estudantil à laboral, da vida juvenil à adulta. O projeto segue o calendário esportivo e visa oferecer esse local de aproximação e vínculo, com o entendimento de que seu público-alvo – a juventude – tem no futebol a sua principal forma de entretenimento.

Grosso modo, sabe-se que o *Fanprojekt* é subsidiado pelo governo do país, somado a aportes da federação nacional de futebol (Deutscher Fußball-Bund) e a contribuições parciais dos clubes. A gestão, no entanto, é dotada de certa autonomia local, dadas as particularidades de cada abrangência geográfica e de cada município envolvido. Via de regra, os funcionários provêm da área de serviço social. Alguns dos trabalhadores recrutados advêm do universo torcedor e podem ser líderes veteranos das torcidas de seus times. O entendimento é que seu conhecimento acumulado

(ou capital simbólico) e seu prestígio interno ao grupo atuam na mediação e na facilitação do diálogo com os *Ultras* estabelecidos. A presença deles evita porventura torcedores refratários a qualquer tipo de ingerência governamental ou a tutela sobre suas agremiações, muitas vezes marcadas pela endogenia, pelo fechamento e mesmo pelo “segredo”, conforme os ensinamentos sociológicos de Simmel.



Legenda: No Fan Project são oferecidos espaços para atividades atléticas e esportivas gratuitas aos torcedores, aos jovens e à comunidade da cidade de Fürth em geral, a exemplo das aulas de boxe, uma vez que as artes marciais são cultivadas por grupos Ultras.

De acordo com o que pude testemunhar na cidade de Fürth, onde visitei o *Fanprojekt*, o oferecimento de um espaço físico para encontros e para o desenvolvimento de sociabilidades faz com que a sede tenha salas de estar, equipamentos para

diversão, recursos audiovisuais para projeção de jogos e de filmes, espaços de convívio e aqueles destinados a práticas esportivas, mesas e auditórios para reuniões, entre outras dependências.

Uma vez que sabia da existência desses centros, mas ainda não os conhecia diretamente *in loco*, propus dentro da missão de trabalho de duas semanas a visita a um deles. O mais perto da região norte da Baviera fica na cidade de Fürth, com cerca de cem mil habitantes. Ela, por sua vez, é vizinha ao centro de Nuremberg, mais conhecida historicamente pelos imponentes congressos do Partido Nacional-Socialista da época do Terceiro Reich e, com efeito, após a Segunda Guerra, ambiente de instalação dos tribunais investigadores dos crimes genocidas perpetrados pelos nazistas.

Programei para quarta-feira (25/09) a viagem de uma hora de trem regional para Fürth, sendo recebido, após contatos prévios que situaram a finalidade da visita, pelo responsável desse *Fanprojekt*. Martin Christoph Spörl Curi é formado em Serviço Social e tem mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Simoni Guedes. O amigo de longa data recebeu-me de forma hospitaleira na estação de trem, às 15h daquela quarta-feira. Após uma breve conversa, percorreu comigo parte da cidade, contou sua história de modo sumário, mostrou igrejas, mencionou personagens ilustres e contextualizou a situação do clube local, atualmente na segunda divisão do campeonato alemão.





Legenda: Partida realizada na cidade de Fürth, válida pela segunda divisão do Campeonato Alemão, em 27 set. O time da cidade enfrentou o Fortuna Düsseldorf (torcida em vermelho na foto, no setor visitante). Nesse e em outros jogos, a equipe do Fan Project se faz presente para auxiliar os torcedores e suas torcidas, com programas de assistência social e prontos para demandas que surjam antes, durante e depois do jogo. A segunda foto foi registrada por Martin Curi.

Em seguida, levou-me à sede do *Fanprojekt*, que ocupa o andar inteiro de um prédio, para me apresentar às suas dependências, de muito boa qualidade, por sinal, como pude averiguar. Embora no dia não tenha encontrado torcedores presentes no recinto, Martin apresentou-me a um de seus funcionários, que procurou, em sinal de simpatia, bom-humor e hospitalidade, acolher-me com palavras de boas-vindas pronunciadas em um espanhol por assim dizer germanizado. Conforme as imagens reproduzidas no decurso do texto o local é todo ornado com as cores verde-e-branca do time da localidade, o SpVgg Greuther Fürth. Objetos relativos ao imaginário do clube esportivo – vitrines com troféus, fotos, revistas, souvenirs, cartazes, posters, livros e toda sorte de quinquilharias – adornam o interior do recinto.

A busca por semelhanças no Brasil fez-me lembrar, guardadas as devidas proporções, das unidades do SESC em São Paulo. Ainda que não haja qualquer equivalência no nosso país em termos futebolísticos, a analogia se direciona ao princípio

associativo e ao aspecto recreativo cultivado em ambos os locais. Isso posto, há mesas de totó, jogos de carta, além da prática de modalidades esportivas variadas, com especial atenção às aulas de boxe oferecidas gratuitamente à comunidade. Fica patente a meta de criar atrativos para a frequência dos torcedores adolescentes ao espaço. As paredes são em sua maioria identificadas com grafites produzidas pelas próprias torcidas *Ultras*, traço cultural marcante desses agrupamentos nos muros das cidades, nas paredes de prédio e nas placas de sinalização do país, uma tradição, diga-se de passagem, presente em todo o continente europeu.

O grafite procura ser um marcador positivo de arte de rua, que coexiste com o hábito de espalhamento dos autocolantes com a imagem e o nome das torcidas. Como a pixação é bem menos recorrente na Alemanha, os *Ultras* valem-se dessas etiquetas, que variam de tamanho, formato e estilização, para demarcar sua passagem pela localidade. Tal codificação também se verifica quando se trata de torcidas visitantes, a fixar no plano simbólico seu território na cidade, quer seja no interior e nos arredores do estádio, quer seja em monumentos históricos ou nos meios de transporte, numa palavra, em locais de deslocamento e visibilidade.





Legenda: Identificações da “cultura” Ultra encontram-se disseminadas em diversas partes do espaço público alemão, como forma de afirmação da identidade, de visibilidade e de demarcação do seu território no país, tradição encontrada na Europa em geral.

Tal índice da cultura urbana tornou-se uma tradição entre tais grupos e serve tanto para o reconhecimento de sua existência ante os cidadãos alheios a essa realidade futebolística, quanto em especial àqueles iniciados, incluindo rivais, pois não raro os autocolantes trazem desenhos e dizeres provocativos aos oponentes. Assim, o grafite é uma alternativa de expressão dos símbolos identitários dos clubes e das torcidas, com vistas a eliminar essa espécie de sujeira visual disseminada pelos grupos nos bens públicos da cidade, forma típica de autoafirmação e de emulação intergrupos.

Outro bem associado aos Ultras é a confecção de livros de memória de sua história. Na visita ao *Fanprojekt*, Martin mostra-me um livro grosso, de capa dura, com centenas de páginas e milhares de fotos de diversos personagens, jogos, estádios e de diferentes momentos memoráveis da coletividade. A publicação é mais uma iniciativa tradicional dos Ultras europeus, pois lembro-me com clareza em minha pesquisa de campo na França de haver encontrado livros congêneres, no mesmo estilo do exemplar encontrado na Alemanha.

A conversa com Martin tratou ainda das características torcedoras na Alemanha e das ações da entidade que dirige. Diferente do Brasil, as torcidas organizadas

alemãs têm um caráter mais endógeno. São também constituídas em menor escala demográfica, ou seja, um número reduzido de membros, quando comparadas ao caso brasileiro. Segundo o responsável pelo *Fanprojekt*, o núcleo duro de um grupo *Ultra* não deve passar de cem membros ativos, que vivenciam sua rotina com intensidade. No encontro, pergunto sobre a imigração no país, em particular os advindos historicamente da Turquia, e a incorporação desses contingentes nos agrupamentos. Meu interlocutor se mostra cético quanto à presença e à participação, por exemplo, de imigrantes turcos tanto na base quanto na liderança dessas associações.

Meu interlocutor relatou ainda situações interessantes na gestão do “Projeto Torcedor” em Fürth. Estando há um ano à frente do mesmo, disse que teve de demitir dois funcionários por comportamento inadequado, após quebra de hierarquia e decoro. Estes, por sua vez, após a demissão, passaram suas versões negativas aos líderes do grupo organizado do time da cidade, que por seu turno assumiram uma postura de desconfiança para com a atual direção do *Fanprojekt*. Tal resistência e crise conjuntural de relacionamento teve o efeito momentâneo do distanciamento da torcida do espaço, o que, segundo Martin, explica a ausência de visitantes ultimamente à sede.

Não obstante, reporta que em todas as partidas um representante da sua instituição acompanha o setor das arquibancadas denominado “Curvas” (nome difundido pelas torcidas italianas e assumido em quase todos os países). O membro do *Fanprojekt* é dotado de um crachá e se posta regular e estrategicamente nos pontos-chaves do estádio, para que possa ser identificado e para se colocar à disposição de maneira auxiliar e colaborativa junto aos torcedores. O mesmo ocorre nas partidas chamadas “fora de casa”, quando se deslocam em van, carro ou algum outro meio de transporte para acompanhar as torcidas no trajeto, na chegada e dentro das arenas.

Ponto focal e instância mediadora, o *Fanprojekt* é uma referência do caso alemão, adotado também no futebol da Bélgica e da Suíça, ainda que com menor êxito e aceitação. Sua finalidade é a arbitragem de conflitos no universo das rivalidades clubísticas e, com sua existência de quatro décadas, tornou-se um exemplo de política pública preventiva a atos de brigas e agressividade relacionadas ao ambiente esportivo.

Retornei de Fürth a Bayreuth com a percepção da importância positiva dessa atividade imersiva para uma compreensão circunstanciada dessa realidade torcedora na Francônia alemã, sobre a qual muito ouvira falar até então no Brasil. Em

função da agenda preestabelecida, não pude ficar para a partida que haveria na sexta-feira do time de Fürth contra o Fortuna Düsseldorf, válido pela segunda divisão do campeonato nacional, cuja fotografia reproduzi acima.

Conquanto de uma divisão inferior, a competição tem hoje uma média de público espectador alta, ultrapassa uma parte considerável de ligas principais de países europeus, à exceção dos *Big-5* (campeonatos nacionais das ligas de futebol da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da França e da Alemanha), e tem algumas de suas arenas com o chamado padrão FIFA, conforme exemplificaremos adiante. Ademais, a assistência em Fürth ensinaria também a observação de uma dinâmica de atuação do *Fanprojekt* em um dia de jogo.

Não obstante, meu retorno era imperativo, pois tinha programada a segunda reunião com os professores Christian e Mirco na quinta (26/09). Na sexta-feira (27/09), estava na agenda a viagem para a cidade de Dortmund, justamente para o acompanhamento de uma partida do hoje famoso time internacional do Borussia pela divisão principal da Liga, em sua arena para 81.365 mil lugares, uma das maiores do mundo.

Juntamente com meu supervisor, Christian Brandt, pegamos o trem da Baviera e viajamos durante seis horas para a região da Renânia do Norte-Vestefália, cuja capital é Düsseldorf. Dortmund é uma das cidades da região do Ruhr, na parte noroeste do país, conhecida pela mineração e pela industrialização, ao lado de Essen, de Bochum, de Münster e de Duisburg, de Bonn e de Gelsenkirchen, entre outras. A população de Dortmund conta com mais de 700 mil habitantes, ou seja, dez vezes mais a que encontrei na pacata Bayreuth, e está entre as maiores do país. Historicamente, segue o protestantismo e, no século XX, recebeu como imigrantes trabalhadores poloneses.

Duas atividades principais estavam previstas no programa: 1. Conhecer a ambiência de um estádio de grande porte da Bundesliga, uma das competições esportivas mais prestigiadas do mundo, integrante das conhecidas *Big-5* europeias; 2. Conhecer o espaço expográfico e estabelecer contato com a equipe de curadoria do Museu Nacional do Futebol alemão, também situado na cidade de Dortmund.

A chegada na sexta foi sucedida pelo jogo no sábado à noite. Desde a chegada na estação central de trem (Hauptbahnhof), já pude observar a onipresença e popularidade do clube de futebol da cidade, cuja homonímia contribui para a fusão das

duas esferas. Camisas, cachecóis, bolsas com o dístico do time e uma miríade de distintivos povoam a paisagem urbana. O ponto centralizador da ferrovia, de onde a circulação de transeuntes se irradia no frenesi de carros e pessoas, já demarca o posicionamento das bandeiras do clube no entorno da praça que o cerca, hasteadas em grandes mastros e tremuladas pelo vento, quase a sinalizar para quem chega sua condição oficial e identitária da cidade.

Uma grande boutique *Fan Shop* chama a atenção na praça principal, com as bandeiras em cores amarelo-e-preta simbolizadoras da agremiação clubística. A boutique comercial promove a marca do Borussia e encontra-se ao lado do *Deutsches Fussballmuseum*, ou Museu Nacional do Futebol alemão, cuja imponência no conjunto arquitetônico e cuja importância como atração urbana ficam evidentes pela sua centralidade na geografia de Dortmund. Não tenho condições de avaliar o impacto da realização da Euro 2024 (a Copa de seleções nacionais europeias, realizada a cada quatro) na Alemanha em junho/julho deste ano, mas presumo que tenha se tratado de um ingrediente a mais na promoção do museu. Borussia foi uma das dez cidades-sedes selecionadas e, diga-se de passagem, duas delas com localização no Ruhr, onde a efervescência futebolística parece contagiar e se estender para o conjunto de seus habitantes.

Antes de abordar a visita ao *Football Museum*, relato em ordem cronológica a experiência do jogo no estádio do Borussia, que atende pelo *naming rights* de *Signal Iduna Park*. O batismo comercial da arena deve-se a uma empresa patrocinadora local, destinada a serviços e seguros financeiros desde o início do século XX. Diferente da Inglaterra, em que os clubes são empresas privadas claramente definidas, a Alemanha assistiu a uma profissionalização tardia, que remonta aos anos 1960. Embora tenham aderido ao modelo empresarial inglês mais recente, em conjunto com o surgimento das arenas no início dos anos 2000, para a organização e viabilização da Copa do Mundo Fifa de 2006 em seu país, os clubes alemães, por assim dizer, resistem na manutenção de sua condição de entidades majoritariamente associativas, com o princípio jurídico do “50 + 1”. Isso significa que não pode haver acionários detentores da maioria das suas ações, transformando-as em empresas privadas.

Borussia – também conhecido pela sigla BVB – é um clube tradicional de uma região futebolística importante da Alemanha. Como as demais agremiações, assistiu a

fases de maior e menor glória, mas desde a construção de sua grandiosa arena – capaz de receber 60 mil espectadores sentados e até 80 mil nos torneios em que se permitem torcedores em pé, porquanto suas cadeiras são retráteis e adaptáveis às exigências de cada torneio – tem vivido nos últimos anos um ciclo virtuoso de conquistas e de projeção do seu nome em âmbito internacional. Em parte, tal fama é proveniente da repercussão angariada por seu estádio e pelo setor da arena em que a presença e participação da torcida é intensa, a impressionar pela monumentalidade.

Refiro-me à tribuna atrás de um dos gols, no setor norte, em que se postam as torcidas Ultras, sendo a principal delas conhecida pelo nome em inglês *The Unity*, seguida por “Desperados” e “Jubos”. A efervescência da torcida nas arquibancadas valeu-lhe a alcunha de “Muralha Amarela”, atributo do gigantismo massivo daquelas tribunas com torcedores compactados em pé, sempre com a lotação máxima, bem como de toda a arena. A aglomeração chega a lembrar os antigos “terraces” que caracterizaram os estádios britânicos do século XX, mas desta feita no formato enquadado pela modernização das arenas e irradiado pelas câmeras de TV em alta definição. É possível dizer que se assiste embevecido não só aos jogadores em campo, como aos torcedores nesse setor (a capacidade dele chega a 25 mil), em meio ao tremular constante das bandeiras, às faixas desfraldadas, aos mosaicos distendidos e a toda uma polifonia ruidosa, espetaculosa e festiva da performance dos *Ultras*.

O ambiente vivencia um limite tênue entre a festa ritualizada e a desordem disruptiva, o que é evidenciado pelos grades de contenção e de proteção, a seccionar, a circunscrever, para não dizer, a confinar tais torcedores em espaços demarcados. Meu próprio interesse em presenciar um jogo cujo ingresso custou-me 50 euros – cerca de 300 reais, entre os menos caros, em assento situado no setor nordeste, em seu patamar mais alto – encontra motivação na aura global que as imagens televisivas difundiram a respeito dessa “muralha amarela”.

O caminho para o estádio já denota a mobilização cidadina e torcedora para a partida contra um rival local, o Bochum, de uma cidade próxima. Ainda que não seja a principal rivalidade do Ruhr – o derby mais importante é contra o Schalke 04, de Gelsenkirchen –, trata-se de uma partida com atratividade para a região. Fazemos a ida de metrô (referenciado na cidade pelo símbolo do “U”) e encontramos nesse meio de transporte uma enorme afluência de público. A ponto de não conseguirmos

entrar nos dois primeiros comboios, mesmo com os agentes da estação a tentar organizar a entrada e permitir a melhor distribuição dos vagões.



Legenda: A estação de trem de Dortmund é um dos locais de passagem em que as torcidas deixam sua inscrição sob a forma de adesivos autocolantes. Neste acima, uma bem-humorada caricatura dos torcedores rivais da cidade vizinha Bochum.

Aliás, em dias de jogo, como forma de facilitar o fluxo, os que têm ingresso estão dispensados de adquirir o bilhete do metrô, servindo de comprovante o tíquete da partida. Depois da espera, conseguimos com esforço entrar em um dos vagões, que já chegam cheios. É preciso apertar e se espremer para conseguir um mínimo espaço. Na estação seguinte o mesmo sucede e ficamos a cada momento mais comprimidos, às vezes esmagados pela provisória superlotação. A situação gera desconforto quando um grupo mais exaltado adentra o metrô. Falam alto, quase bradando, sem respeitar limites de individualidade. Embora não consiga entender o alemão, percebemos um desentendimento entre eles, o que parece se relacionar a moças também presentes no vagão e também a caminho da partida.

Os ânimos se acirram, uma discussão interna se instaura, sem que entendamos bem as razões, e em uma parada saem os contendores para uma briga que vai às vias de fato. Ao final um deles é expulso e os demais voltam ao vagão novamente de forma hostil. Ao final de vinte minutos, conseguimos chegar à estação, para mais uma peregrinação rumo ao estádio, situado na periferia da cidade, como é tradicional na Europa. Uma chuva miúda se alastra e dificulta a orientação noturna do caminho a seguir. Com mais alguns minutos de caminhada, alcançamos o destino, em meio ao burburinho e às levadas de torcedores na noite chuvosa.

Já nos meios de transporte vemos torcedores do time oponente, o Bochum. Eles se trajam com cachecóis azul-e-brancos identificadores, mas não há hostilidades direcionadas e no caminho transitam de maneira livre em meio à multidão amarelo-e-preta. Quando chegamos mais próximos, minha companhia e guia no jogo, Christian Brandt, mostra-me o campo ao lado da arena, iluminado com holofotes e ponto de concentração de muitos torcedores para beber e conversar antes da entrada. Trata-se do antigo estádio do Borussia, onde ainda se vê parte das arquibancadas no modelo tradicional de cimento com barreiras parciais de contenção e apoio para os torcedores.

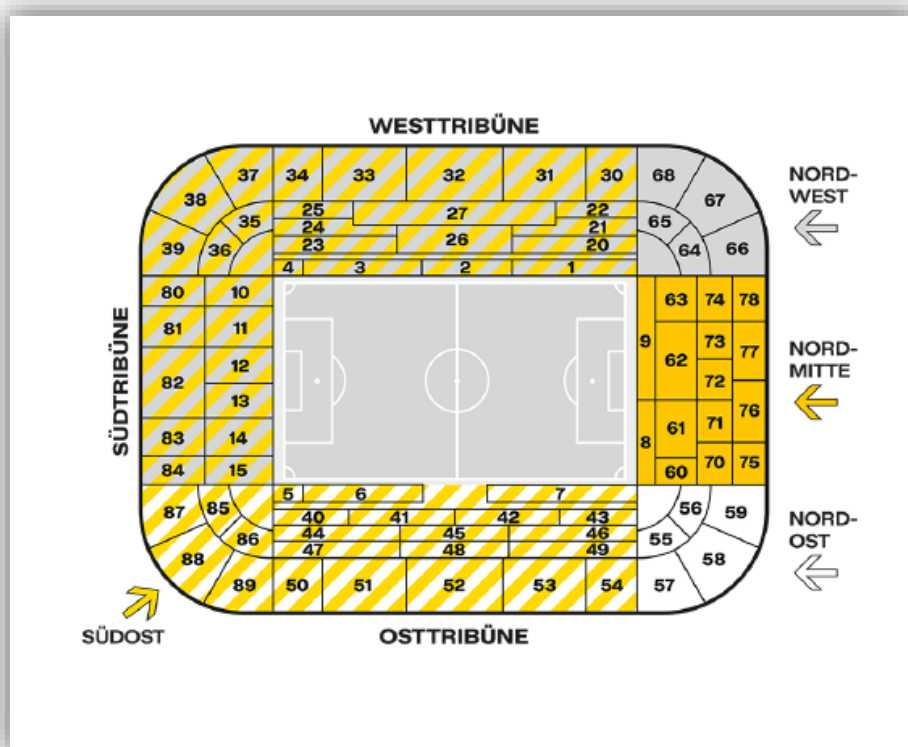
A arena magnífica ao lado acentua o contraste entre as duas “eras” do futebol, ativando um “lugar de memória” do clube. Caminhamos em face de uma arquitetura colorida, envidraçada e grandiosa, a impressionar quem chega pela altura e dimensão. Dentro do complexo, há um museu do clube e fachadas imponentes, com luzes fluorescentes e propaganda animada nos painéis. Após a identificação do

nosso portão de entrada, seguimos a fila de revista corporal pelos *stewards* (fiscais e orientadores de público uniformizados com uma cor amarela ou laranja bem chamativa) e de certificação do ingresso. Alguns minutos se passam no aglomerado relativamente organizado, dada a proximidade do horário de início da partida, 21h.

A passagem pelas barreiras e triagens nos leva em seguida a uma série de escadas, cujos patamares ascendentes vão nos fazer chegar quase ao topo do edifício esportivo. Os lugares são marcados por mecanismos identificatórios básicos – arranjo de linhas, números e cores –, em um setor em que os torcedores ficam sentados, mas que a todo momento têm de se levantar para que os demais possam passar e encontrar seus assentos. As dependências impressionam pela agitação, pela iluminação – notadamente na ambiência noturna – e pelo ruído, que lembra um show de rock ou um espetáculo assemelhado. Nesse périplo, logo no primeiro andaime, é possível perceber o setor da torcida visitante, já preenchido e compactado à espera do início do jogo.

Placares sinalizadores nos direcionam via letras do alfabeto para encontrar o setor e a torre de escadas a seguir. Grandes filas se amontoam ante os quiosques e os *food trucks*, que possibilitam o consumo de bebidas e de alimentos variados. Tudo é ornado nas cores do clube da casa, em um tom amarelo berrante. Galgamos a série de andares até alcançar nosso ponto superior. Por sorte, estamos defronte ao setor norte, e nele uma multidão de 25 mil torcedores lota a arquibancada para incentivar o time, sob a liderança da principal torcida ultra do BVB – The Unity – postada ao centro e abaixo.





Legenda: Fotografia da minha presença nas arquibancadas em Dortmund para observações *in loco* e trabalho de campo, juntamente com reprodução do mapa das tribunas do estádio, para assistir a um jogo válido pela Bundesliga (1ª divisão do Campeonato Alemão), na Arena Signal Iduna, do Borussia, contra o Bochum, com a presença de mais de 80 mil torcedores. Em 28 set. 2024.

Os cânticos entoados impressionam pela intensidade e ressonância por todo o estádio. Alguns deles fazem parte de uma tradição de músicas de torcidas europeias e são reconhecíveis pela melodia. Seus gritos ecoam e, na entrada das equipes em campo, todos os mais de 70 mil borussianos empalmam seu cachecol, com as duas mãos estendidas em riste nas extremidades para a produção de um efeito estonteante, em meio ao coro reverberador. O setor adversário do Bochum, ainda que limitado ao diminuto espaço que possui – a olho nu, de maneira impressionista, diria que 1/10 da capacidade –, responde de maneira coordenada e compacta, repetindo os gestos e procurando fazer sua voz coletiva ser ouvida. Telões e autofalantes, no entanto, concorrem com as torcidas e às vezes as ofuscam com sua potência sonora e visual.

O jogo começa e uma sequência de cantos vai sendo entoada. Para surpresa geral, quando não para incredulidade dos torcedores mandantes, o time visitante abre o jogo para 1 a 0. Pouco depois amplia o placar para 2 a 0, ainda no primeiro tempo. No setor norte o descontentamento é patente, com o arremesso de copos de cerveja dentro de campo. Os ultras do Bochum, por seu turno, vibram coletivamente

e a linha de frente do grupo, postada com tambores e megafone na proximidade do alambrado, acende os proibidos e polêmicos sinalizadores pirotécnicos. A partida é interrompida, um locutor oficial informa a paralização, enquanto vaias dos torcedores do BVB são endereçadas aos rivais. Estes, por sua vez, procuram chamar a atenção com sua pirotecnia, sendo alguns dos artefatos arremessados em campo e inflmando ainda mais a cena.

O Borussia ainda faz um gol no primeiro tempo e reanima a partida. Após o intervalo, o jogo muda de figura, com o empate e a virada do BVB, e se torna uma goleada de 4 a 2, para o júbilo gregário dos torcedores. A festa volta a ser comandada pelos Ultras locais, embora os do Bochum não parem de cantar e de incentivar. Finda a partida, em meio à dispersão, torcidas rivais trocam insultos e se provocam, como que a preparar e tensionar o cenário fora da arena.

À saída, a multidão se revela turbulenta, com as milhares de pessoas caminhando em sentidos contrários ou imobilizadas pela compressão dos espaços hiperlotados. São necessárias algumas dezenas de minutos para o público escoar. Observo surpreso que os torcedores do Bochum saem juntamente com os do BVB. Algumas provocações e alguns empurrões pontuais são vistos. O contingente do policiamento é robusto, com blindados, cavalaria e policiais trajados *a la* robocop, sintoma de que o potencial disruptivo é alto.

Em determinados momentos, a situação parece tensa. Sirenes de carros policiais são disparadas ruidosamente, um destacamento da polícia corre, como que a impedir uma briga iminente ou um encontro de grupos ultras em adjacências ignotas. O cenário se acalma, mas de quando em quando um sinal de alerta volta a ser acionado. Não chego a testemunhar nenhum incidente, todavia os dispositivos de tensão mostram-se dados. A chuva ainda atrapalha o caminho da volta. Entretanto, ao invés do metrô caótico e abarrotado, voltamos a pé, com o cruzamento da cidade até o destino do meu hotel, bem nas cercanias da estação ferroviária.

* * *

REFERÊNCIAS

HERTEL, Fabian; HUDDLESTON, Sean. **Football fans, rivalry and cooperation**. London: Routledge, 2017.

SCHÖNFELD, Mirco. **Contextual reference and authenticity in social networks**. Munch: PhD Computational Sciences, 2016.

* * *

Recebido em: 16 jan. 2025.
Aprovado em: 14 set. 2025.